

A APLICAÇÃO DO “CONTEXTUALISMO LINGUÍSTICO” E A BUSCA DA COMPREENSÃO DA *I APOLOGIA* DE JUSTINO MÁRTIR

Samuel Nunes dos SANTOS
Ana Teresa Marques Gonçalves
zurizadaisam@bol.com.br
Universidade Federal de Goiás

Palavras-Chave: História Intelectual, Contextualismo Linguístico, Cristianismo Primitivo

O último meio século da História Intelectual trouxe avanços importantes. Graças a isso, novas propostas na busca de uma melhor compreensão de uma obra surgiram. Abordagens como as da escola de Cambridge a partir do que ficou conhecido como “contextualismo linguístico”, cujos principais representantes são John Pocock, John Dunn e Quentin Skinner foram fundamentais trazendo discussões que criaram um ambiente de vigoroso debate e elevaram a História Intelectual. A pergunta de Skinner reflete bem a preocupação central de sua proposta: “Quais são os procedimentos adequados a escolher na tentativa de chegar a uma compreensão da obra?”¹ (SKINNER, 1988, p. 29). Gostaríamos, assim, a partir de alguns recursos oferecidos pela História Intelectual, de analisar a *I Apologia* de Justino Mártir. Trata-se de buscar compreender a obra de Justino dentro das perspectivas da História Intelectual, ou seja, nosso objetivo no presente trabalho é indagar sobre como devemos proceder no trato com nossa fonte? Como buscar o sentido (ou significado) da obra?

Para tanto, seguiremos três passos: apresentaremos Justino Mártir e a fonte com a qual pretendemos trabalhar; daremos um breve resumo das ideias de Quentin Skinner; e, por fim, buscaremos avaliar a nossa fonte a partir de sua proposta. É nosso objetivo apresentar alguns aspectos relevantes dentro do contextualismo linguístico skinneriano que possibilitariam uma melhor compreensão da *I Apologia* de Justino.

¹ Toda tradução de texto estrangeiro é nossa, exceto por aquelas que forem indicados outros tradutores.

Justino de Roma e sua *I Apologia*

Conhecido como Justino Mártir, devido a ter sido martirizado pela sua crença cristã, foi também chamado de Justino de Roma por ter passado boa parte de sua vida ativa nesta cidade. Foi um defensor intelectual do cristianismo no século II d.C., ou seja, um dos chamados pais apologistas. Segundo as informações advindas de sua própria obra, ele era natural de Flávia Neápolis, que ficava na região de Samaria, atual Cisjordânia. O nome de seu pai era Prisco, e seu avô chamava-se Báquio (JUSTINO, *I Apologia*, I.1; v. também: FRANGIOTTI, 1995, p. 9; MORESCHINI; NORELLI, 2005, p. 109-110). Depois de passar por várias escolas filosóficas, tais como a estóica, a peripatética, a pitagórica e a platônica (JUSTINO, *Diálogo com Trifão*, II.3-6), ele se encontrou definitivamente com o cristianismo que, segundo ele, era a única “filosofia segura e proveitosa” (*Diálogo com Trifão*, VIII, 1). Posteriormente, foi denunciado por um filósofo cínico chamado Crescente. Sua sentença foi a decapitação que ocorreu por volta do ano 165 d.C. (CAMPENHAUSEN, 2005, p. 22).

A *I Apologia* de Justino foi escrita por volta de 155 d.C. Esta obra é um tratado de defesa dos cristãos dirigida à elite imperial e ao povo romano em geral (JUSTINO, *I Apologia*, I.1). Sua estrutura é simples. Sua introdução é composta de uma menção dos destinatários, depois, ele apresenta a si mesmo, e, em seguida, expõe sua petição em favor dos cristãos (JUSTINO, *I Apologia*, I.1; II.1-3). Basicamente sua obra enfatiza três pontos: a importância da coerência nos julgamentos; que a perseguição aos cristãos é causada pela ação dos demônios; e, o caráter irrepreensível dos cristãos. No demais, a obra revela uma preocupação de Justino em “expor ao exame de todos a nossa vida (dos cristãos) e os nossos ensinamentos”² (JUSTINO, *I Apologia*, III.3).

O “contextualismo linguístico” de Skinner e a *I Apologia* de Justino

² βίου και μαθημάτων - ου “nossa vida e conhecimentos” (ΙΟΥΣΤΙΝΟΥ, Απολογία Πρωτη υπερ Χριστιανων, III.3; cf. PEREIRA, 1998, p. 104, 287, 354).

Propomos especificamente analisar uma questão identitária em Justino. Essa não é, provavelmente, a preocupação primária dele, mas, ele acaba por fazê-lo ao buscar defender os cristãos. Por isso, o nosso intento é identificar o significado de ser cristão em Justino. Skinner deixa claro na introdução de sua obra *Razão e Retórica na Filosofia de Hobbes*, que a essência de seu método “consiste em tentar situar esses textos em contextos que nos permitam, por sua vez, identificar o que seus autores estavam fazendo ao escrevê-lo” (SKINNER, 1999, p. 22).

Seguindo Skinner a primeira pergunta que faríamos seria: O que Justino estava fazendo ao escrever a sua I Apologia? Qual era a sua intenção primária ao escrever a sua I Apologia? Tais perguntas figuram para Skinner como o ponto de partida para se buscar o significado do texto. Como respondê-la? Skinner nos apontou o caminho: a intertextualidade. O próprio texto nos fornece um contexto. Mas, também pelos enunciados que evidenciam sua força ilocucionária.

Ao analisarmos a I Apologia podemos verificar que ele pretende revelar quem são os cristãos. Isto parece fazer bastante sentido. Ao buscar defender o cristianismo parece natural desenvolver um texto que visa mostrar a identidade do grupo. É uma perspectiva bastante lógica, pois, ao revelar quem realmente eram, estavam se defendendo de opiniões divergentes, estavam mostrando também quem eles não eram. Não eram o que cogitavam, falavam e divulgavam que eram. A defesa é feita por alguém de dentro, mas, que já esteve fora e conhece os dois lados da moeda.

Tal carta foi escrita, possivelmente, pouco depois da morte de Policarpo, ou seja, por volta de 155 d.C., portanto, contemporânea do próprio Justino. Observa-se nela, a mesma lógica: sua defesa se investe de uma explicação da “natureza ignorada do cristianismo”. Não é uma questão de simplesmente alegar inocência, mas, prová-la revelando o caráter do que é ser um cristão. Não é uma questão de “eu não fiz aquilo pelo qual sou acusado”, mas, “eu não sou aquilo, e, sim, isto”. Justino ocupa-se em enfatizar que os cristãos merecem um julgamento justo e racional. Ele esclarece que “pedimos sejam examinadas as acusações contra os cristãos” (JUSTINO, *I Apologia*, III.1). O termo “examinados” é em grego *εξεταζεσθαι* de *εξετασις*, que significa “examinar a fundo, provar, experimentar, enumerar, interrogar, perguntar, explorar, admitir depois de exame, ser contado entre, ser do partido de” (PEREIRA, 1998, p. 198). Justino, enquadrando tanto nos princípios romanos quanto nos cristãos, recrimina o julgamento temerário. Faz parte

do padrão cristão que diz “Não julgueis segundo a aparência, mas, julgai segundo a reta justiça” (Jo 7:24). Ao fazer esse apelo, Justino se propõe a “descrever” quem são os cristãos. Ele mesmo diz que:

Cabe a nós, portanto, expor ao exame de todos a nossa vida e os nossos ensinamentos, para que não nos tornemos responsáveis pelo castigo daqueles que, ignorando a nossa religião, pecam por cegueira contra nós (JUSTINO, *I Apologia*, III.3).

A intenção de Justino parece assim, estar presente na expressão “Cabe a nós, portanto, expor ao exame de todos a nossa vida e os nossos ensinamentos” (JUSTINO, *I Apologia*, III.3) e, não simplesmente na “Com o presente escrito... pretendemos... pedir-vos que realizeis o julgamento contra os cristãos conforme o exato discernimento da investigação (JUSTINO, *I Apologia*, II.3). Ambas refletem a preocupação de Justino em relação a condenação indiscriminada dos cristãos. A primeira substancia a segunda. A primeira é de caráter identitário; a segunda é um apelo. Sua obra mostra que seu objetivo é esclarecer quem são os cristãos “para que não nos tornemos responsáveis pelo castigo daqueles que, ignorando a nossa religião, pecam por cegueira contra nós” (JUSTINO, *I Apologia*, III.3).

Outras expressões e enunciados que ocorrem no texto enunciam e reforçam o caráter identitário da obra. São elas: “Somos vossos melhores ajudantes”, “Que não somos ateus”, “Sobre a temperança”, “Sobre amar a todos”, “Sobre sermos paciente”, “Sobre não jurar nunca”, “Sobre adorar unicamente a Deus”, “Quanto a tributos e contribuições”, “Como dissemos antes”, “Explicaremos agora”, “Do que foi dito até aqui”, “De nossa parte”, e etc. (JUSTINO, *I Apologia*, XII.1; XIII.1; XV.1, 9; XVI.1, 5, 6; XVII.1, LVIII.1; LXI.1; LXIV.1; LXV.1). Elas estão vinculadas ao propósito de demonstrar quem são os cristãos para que os magistrados romanos não os sentenciem com “pena de morte, como contra inimigos” (JUSTINO, *I Apologia*, LXVIII.1-2).

Considerações Finais

O nosso intento foi apresentar a viabilidade da proposta de Skinner na *I Apologia* de Justino. A partir das idéias contidas no contextualismo linguístico

skinneriano pudemos constatar que tal proposta mostrou-se bastante viável na busca da compreensão do que é ser cristão dentro da visão justiniana.

Bibliografia

CAMPENHAUSEN, Hans von. **Os Pais da Igreja**: A Vida e a Doutrina dos Primeiros teólogos cristãos. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

FRANGIOTTI, Roque. Introdução. In: **I e II Apologia de Justino de Roma**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 13-16; 87-89.

ΙΟΥΣΤΙΝΟΥ. **Ἀπολογία Πρωτῆ Ὑπερ Ἐριστιανῶν**. [http://www.veritatis_societas.org/103_Migne_gm/0100_0160,_Iustinus,_Apologia_Prima_\(MPG_006_0327_0440\),_GM.pdf](http://www.veritatis_societas.org/103_Migne_gm/0100_0160,_Iustinus,_Apologia_Prima_(MPG_006_0327_0440),_GM.pdf). acessado em: 08/01/2011.

<http://www.hrw.org/en/news/1999/09/29/anti-christian-violence-rise-india>. Acessado em 20/12/2010.

JUSTINO DE ROMA. **I Apologia**. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995. p. 21-86.

_____. **Diálogo com Trifão**. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995. p. 109-324.

MORESCHINI, Cláudio; NORELLI, Enrico. **Manual de Literatura Cristã Antiga Grega e Latina**. São Paulo: Santuário, 2005.

SKINNER, Quentin. Meaning and Understanding in the History of Ideas. In: TULLY, James. **Meaning and Context – Quentin Skinner and his Critics**. Princeton: Princeton University Press, 1988.

_____. **Razão e Retórica na filosofia de Hobbes**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.